

PSICANÁLISE E CORPO: A RELAÇÃO ENTRE O FENÔMENO DA OBESIDADE E O CONCEITO DE COMPULSÃO À REPETIÇÃO¹

Rafaela Sobreira de Lemos²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

A obesidade é uma condição de saúde pública que afeta milhões de pessoas em todo o mundo e sua prevalência vem aumentando nas últimas décadas. A concepção do corpo sofreu influências ao longo da história de acordo com diferentes culturas e, na contemporaneidade, há uma supervalorização da saúde e bem-estar físico. Ao mesmo tempo, predomina-se uma busca por padrões estéticos irreais. Para a Psicanálise, o corpo não é apenas uma entidade biológica, mas uma construção psíquica que é moldada pela história do sujeito e por sua relação com o ambiente. O corpo é visto como uma fonte de experiências emocionais, expressões simbólicas e comunicação não verbal, enfatizando, ainda, a importância das pulsões e do inconsciente na formação da identidade corporal e da constituição psíquica. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo compreender a interação entre fenômeno da obesidade e um dos conceitos primordiais da Psicanálise: o da compulsão à repetição. Para tanto, destrinchar o conceito de corpo e pulsão se faz necessário. Foi realizada uma revisão de literatura utilizando textos clássicos de Sigmund Freud como também de outros pesquisadores do campo. Por fim, foi observado que a tentativa de comer em excesso visa uma satisfação pulsional e busca preencher um vazio que remete à falta constitutiva e radical do sujeito. Conclui-se, por essa razão, que a Psicanálise pode contribuir para o tratamento da obesidade, ao ajudar o indivíduo a compreender as origens inconscientes de seus comportamentos alimentares e a elaborar psiquicamente as angústias e carências internas.

Palavras-chave: Obesidade. Psicanálise. Pulsão. Compulsão à repetição.

PSYCHOANALYSIS AND BODY: THE RELATION BETWEEN THE OBESITY PHENOMENON AND THE CONCEPT OF COMPULSION TO REPEAT.

ABSTRACT:

Obesity is a public health condition that affects millions of people worldwide and its prevalence has been increasing in recent decades. The conception of the body has been influenced throughout history by different cultures and in contemporary times, there is an overemphasis on health and physical well-being, while at the same time,

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Saúde. Recebido em 12/04/2023 e aprovado, após reformulações, em 29/05/2023

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: rafaela-lemos@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: rcacastelo@bol.com.br

there is a predominance of unrealistic aesthetic standards. For psychoanalysis, the body is not only a biological entity but also a psychic construction that is shaped by the subject's history and their relationships with the environment. The body is seen as a source of emotional experiences, symbolic expressions, and nonverbal communication, emphasizing the importance of drives and the unconscious in the formation of corporal identity and psychic constitution. Thus, this paper aims to understand the relationship between the phenomenon of obesity and one of the fundamental concepts for psychoanalysis: the compulsion to repeat. To do so, it is necessary to delve into the concept of the body and drives. A literature review will be conducted using classic texts by Sigmund Freud and other researchers in the field. Finally, it was observed that the attempt to overeat seeks a drive satisfaction and tries to fill a void that refers to the subject's constitutive and radical lack. Therefore, it is concluded that psychoanalysis can contribute to the treatment of obesity by helping the individual to understand the unconscious origins of their eating behaviors and to psychologically elaborate their internal anxieties and deficiencies.

Keywords: Obesity. Psychoanalysis. Drive. Compulsion to repeat.

1 INTRODUÇÃO

A obesidade é uma questão que tem sido amplamente divulgada, quantificada e discutida pela mídia e por áreas como as ciências sociais e biomédicas, com grande ênfase e alarde no mundo todo. Há uma estimativa para o ano de 2025 de que 2,3 bilhões de adultos estejam acima do peso, sendo 700 milhões de indivíduos com obesidade. No Brasil, essa doença aumentou 72% nos últimos treze anos, saindo de 11,8% em 2006 para 20,3% em 2019 (ASSOCIAÇÃO..., 2019).

Essa doença é retratada como uma pandemia moderna ou como o maior problema de saúde pública da atualidade, sendo condenada sem piedade pela sociedade contemporânea e, sistematicamente, representada como um problema moral, uma falha de caráter ou como um sinal de desordem na vida pessoal e emocional (VIANNA, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2004), a obesidade é catalogada no Código Internacional de Doenças como uma doença orgânica e crônica, caracterizada pelo acúmulo de gordura corporal, excedendo os padrões aceitáveis de normalidade em diferentes graus. Dumas (2011) acrescenta que nessa doença os lipídios – gorduras – que o processo de alimentação proporciona são servidos como fonte de energia ou estocados nos lipócitos do corpo. Considera-se uma pessoa obesa quando o seu Índice de Massa Corpórea é maior do que 30: quanto maior o

Índice, mais chances de uma pior qualidade de vida e menor longevidade.

Considerando a exposição anterior, a obesidade é reconhecida pela biomedicina como uma doença orgânica, sendo que no âmbito da saúde mental não é identificada como transtorno, conseqüentemente, não configurando a obesidade como uma patologia psiquiátrica. É importante ressaltar que não há um perfil psicológico ou estrutura psíquica única para todos os indivíduos obesos, tornando arriscada qualquer generalização dos problemas psicológicos para todos os casos de obesidade. Toda via, pacientes com obesidade grave frequentemente demonstram quadros psicopatológicos, como sintomas de depressão, ansiedade e um comportamento alimentar disfuncional. Esses sintomas estão diretamente relacionados ao julgamento social e moral, preconceitos, estigmas e discriminação enfrentados por esses indivíduos (VIANNA, 2019).

Dentre as principais causas da obesidade, pode-se destacar a alimentação inadequada, o sedentarismo, fatores genéticos e metabólicos, além de fatores psicológicos e emocionais: ao problematizar a obesidade no ponto de vista das ciências humanas e sociais, conclui-se que é um fenômeno de difícil interpretação não podendo ser generalizado ou reduzido a explicações simplistas: fala-se de um fenômeno que atravessa a subjetividade humana. A bagagem de vida do gordo é permeada por diversos sofrimentos: uma depreciação cultural e social, sentimento de inúmeras dificuldades peculiares, infelicidade, frustração por não pertencer ao que é socialmente aceito e etc (SILVA, 2021).

Ao pensar na subjetividade à luz da Psicanálise, o sujeito psicanalítico é um elemento definido por sua relação com o inconsciente: o aparelho psíquico serve de modelo para a interpretação de todo o comportamento do indivíduo, considerando sua formação a partir da estrutura que o funda: a estrutura inconsciente, fazendo parte primordial da constituição do sujeito (SATHLER, 2013).

Se todo comportamento é efeito de sua relação com o inconsciente, como pensar o comer em excesso que leva o sujeito à obesidade? O que, em uma dinâmica do aparelho psíquico inconsciente, denuncia um sofrimento tão grande que acarreta uma doença crônica? O incentivo a um padrão estético inalcançável para a maioria das pessoas em uma sociedade que valoriza a aparência, pode levar os indivíduos a um estado de constante desassossego e insatisfação (VIANNA, 2019).

O presente estudo tem como objetivo suscitar reflexões e fomentar discussões acerca do conceito de corpo, por meio de uma perspectiva histórico-cultural, a fim de compreender a construção de sua concepção ao longo da História e sua relação com a Psicanálise. Almeja-se investigar e estabelecer uma intersecção entre o psiquismo e obesidade com a finalidade de compreender o papel dessa enfermidade orgânica e crônica na subjetividade do indivíduo, atrelado a dois conceitos cruciais na teoria psicanalítica: pulsão e compulsão à repetição. No que tange à metodologia empregada na condução deste estudo, foram utilizados textos de Sigmund Freud, bem como de outros pesquisadores do campo da Psicanálise.

2 A HISTORICIDADE DO CORPO

Ao refletir sobre a conceituação de corpo, percebe-se que ele não se limita apenas a uma dimensão orgânica, mas é influenciado por uma diversidade de fatores sociais, assim como de questões psicológicas, culturais e religiosas: o corpo é manifestado através da escolha de vestimentas, gestos e comunicação com outras pessoas, apresentando um simbolismo que reflete a forma como se apresenta ao mundo externo. Através da História, o corpo foi submetido a diversas formas de manipulação, inibição e domínio, na tentativa de se adequar às ideologias vigentes de cada época. Padrões de beleza, saúde e sensualidade foram criados, os quais contribuíram para a construção da identidade de pertencer a determinado grupo e para a constituição das identidades masculinas e femininas (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Desde a Grécia Antiga sempre existiu o interesse pelas pessoas e coisas belas. O corpo era visto de interesse do Estado e objeto de glória, uma busca incessante em ter um corpo escultural, se modelando e aperfeiçoando a partir de exercícios físicos buscando constantemente o seu aprimoramento. O corpo nu era admirado, apresentando saúde e beleza quando era bem proporcionado e indicava algo para além da capacidade atlética: denunciava fertilidade nas mulheres e nos homens, um sucesso no combate (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Com o cristianismo há uma nova concepção de corpo: ele sai de sua visão estética e entra no campo do pecado, da proibição, o corpo é reprimido

constantemente. Cabe ao homem ir além de seu corpo, descobrir como sua alma deve lutar contra os desejos e prazeres carnis e conquistar a eternidade e salvação. Jejuns são feitos por longos períodos de tempo com o objetivo de alcançar algo além do material, avançando ao plano espiritual (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Na Idade Média, o corpo passou a ter outra significação: seus aspectos físicos como peso, cor da pele e altura indicavam sua relação com a terra e, conseqüentemente, sua definição nas funções sociais: fala-se de uma sociedade agrária e feudal fortemente influenciada pelo cristianismo. O corpo, ao estar relacionado com a terra, era resultado de perversão, do pecado e deveria ser purificado através da punição. As evidências deste período foram os castigos e crimes de morte em praça pública, a prática do autoflagelo e a manifestação da sexualidade feminina vista como “bruxaria”, sendo sentenciada à morte (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

A Idade Moderna é caracterizada pelo advento do pensamento racional e o apogeu do florescimento das ciências. A história do corpo foi afetada, tornando este corpo, que permanecia há séculos no obscurantismo, em um grande objeto de observações e pesquisas na Idade Moderna. Ainda sob forte influência religiosa, o corpo passa a ser fonte de beleza e realização, a busca pela estética é retratada nos diversos trabalhos artísticos da época, como os de Sandro Botticelli e Michelangelo. Os ideais greco-romanos voltam a imperar neste momento, onde o excesso de peso representava status, riqueza e ostentação por estar disponível a um seleto grupo da nobreza (DARÉ, 2018). A figura 1 retrata um dos momentos históricos em que o corpo, representado por formas mais arredondadas e curvilíneas, foi objeto de aclamação.

FIGURA 1: As três Graças – Peter Paul Rubens (1630-1635)



Fonte: FERREIRA, 2018, p. 03.

A partir do século XX, ocorreu uma mudança significativa nos padrões de beleza corporal, especialmente para as mulheres, à medida em que elas conquistaram sua independência e emancipação. Nas décadas de 1930 e 1960, as revistas de beleza destacavam silhuetas esbeltas e esportivas, com membros finos e músculos sem gordura. Com o avanço da sociedade do consumo, estimulando o narcisismo, a busca pela beleza se expandiu para várias direções e passou a incluir diferentes idades, gêneros e classes sociais, transformando o corpo no objeto mais desejado de consumo. A sensualidade ganhou espaço com as atrizes icônicas como Marilyn Monroe e Brigitte Bardot, e a erotização tornou-se uma característica cada vez mais presente nos padrões de beleza. Hoje em dia, a busca pela perfeição e pela juventude eterna continua, a indústria oferece uma infinidade de tratamentos, medicamentos e cirurgias que prometem eliminar os sinais da finitude, tais como rugas, varizes, pelos, celulites e gorduras. Parece haver uma busca incansável por um corpo ideal, que vai além da perfeição, aspirando ser um verdadeiro modelo de beleza grega, como exemplifica a figura 2. Dessa forma, o corpo é, mais uma vez, o local onde se defrontam as relações entre corpo e mente, eu e outro e indivíduo e sociedade, desafiando as discussões em torno das questões éticas e estéticas (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

FIGURA 2: As irmãs Hadid



Fonte: GONZÁLEZ, 2017, p. 01.

Para corroborar ainda mais com a diferenciação cultural e como cada padrão é imposto e influenciado pela cultura, tem-se a Mauritânia com um ponto de vista oriental: um país no noroeste da África onde o corpo gordo é vangloriado, a mulher gorda é vista como sinônimo de beleza e fertilidade, onde, no ocidente, esse mesmo corpo é visto com derrotismo, rejeição e asco: lugares e concepções culturais distintos. Chega-se à conclusão, portanto, que o conceito de corpo e suas inúmeras derivações são resultantes de uma criação e interpretação cultural (SOUZA *et al.*, 2018).

2.1 O CORPO EM PSICANÁLISE

O corpo é abordado em diversas áreas do conhecimento como um objeto de estudo, sendo considerado um corpo biológico, social, estético, histórico e antropológico. Além disso, a Psicanálise traz uma perspectiva única ao considerar o corpo subjetivo e particular, carregado de significados e influenciado pela história de vida do indivíduo. Nesse viés teórico, o corpo é compreendido como um vetor do

psiquismo, uma representação do inconsciente e uma estrutura fundamental na formação do sujeito (LAZZARINI; VIANA, 2006).

Fernandes (2003) evidencia o interesse excessivo pelo corpo que vem sendo destaque e pode ser notado pelos meios midiáticos no cotidiano, seja alegando saúde e até mesmo a doença. Ele toma frente da cena social, não se confundindo com o organismo biológico, retirando-se da concepção da medicina e se apresentando em um palco onde há a movimentação e união entre psíquico e somático, colocando o corpo como fonte pulsional: a teoria psicanalítica possibilita evidenciar que o somático habita um corpo que dá lugar, também, à realização de um desejo inconsciente.

Lindenmeyer (2012) expõe a teoria de Freud onde o corpo é o veículo através do qual o pulsional busca alcançar a satisfação, seja ela no prazer ou desprazer. Em suas obras é possível perceber que o corpo é abordado em diversos moldes, tais como na conversão histérica, como um corpo erógeno, pulsional e do narcisismo, e também como o eu corporal, o que indica a importância fundamental que o corpo tem na estruturação do aparelho psíquico. O corpo seria, portanto, um local onde as marcas das experiências arcaicas e infantis são inscritas, permitindo que o eu se desenvolva e o pulsional emerja.

A definição de pulsão é um dos elementos principais para Freud e, segundo Amparo, Magalhães e Chatelard (2013, p. 503), é “[...] uma força constante que permanece fora da ação direta das operações psíquicas, só incidindo sobre seus representantes. Estes funcionam como a exigência de trabalho da mente em consequência da sua ligação com o corpo”. O corpo pulsional não só funciona como uma fonte de estruturação psíquica, mas também está intrinsecamente ligado às representações conscientes e inconscientes, deixando uma lacuna entre o sujeito, seu mundo interno e o mundo externo.

Hoje, segundo Fernandes (2003), os estudos psicanalíticos revelam o retorno do corpo em um cenário em proeminência após um certo tempo em esquecimento, levando aos interesses dos psicanalistas o estudo de um corpo doente, pois ele é sempre retratado como fonte de sofrimento e frustração. Corpo este que externa ser um mal-estar contemporâneo aumentando o número de casos na clínica nomeados como “distúrbios da imagem” e outros sintomas: os diversos transtornos alimentares, as intervenções cirúrgicas, a repulsa pelo envelhecimento, a busca insistente pela

saúde etc. O que seria, então, a imagem deste corpo, vetor de tantos sintomas e manifestações? Nasio (2008, p.54) se propõe a responder esta questão:

[...] considero a imagem do corpo a própria substância do nosso Eu. Não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos de nosso corpo: sou o corpo que sinto e o corpo que vejo. Para nós, o Eu é composto de duas imagens corporais de naturezas diferentes, mas indissociáveis: a imagem mental de nossas sensações corporais e a imagem especular da aparência do nosso corpo. Sentir viver meu corpo e vê-lo mexer-se no espelho me dá a sensação inegável de ser Eu.

Atualmente, no contexto da vida social, ocorre uma transição do ter para o ser, após longos anos de um evidente desvio do ser para o ter. Nessa tendência de se refletir sobre o mundo e o corpo, a valorização excessiva do ser por meio da imagem, em detrimento da interioridade, leva o sujeito contemporâneo a sentir-se dominado por um vazio, estagnação e solidão. Na cultura da imagem, o corpo adquire um destaque significativo e se torna o lugar da experiência com os excessos. Embora seja objeto dos mais sofisticados cuidados, também é vítima dos mais cruéis maus-tratos em função dessa obsessão. Portanto, pensar o corpo pela Psicanálise, na atualidade, requer um diálogo indispensável com a cultura contemporânea (VIANNA, 2019).

Ainda pela perspectiva psicanalítica, segundo Vianna (2019), o corpo está inserido na ordem do simbólico e se manifesta nas dimensões do discurso, do desejo e da representação. Ele é dotado de significados que são construídos tanto pela cultura quanto pelo próprio sujeito. O mal-estar do sujeito é evidenciado pela forma como ele assimila os imperativos da cultura e da sociedade, em outras palavras, o que escapa à capacidade de elaboração psíquica pode desencadear sintomas e sofrimentos.

Sintetizando, o corpo transcende sua função biológica e se manifesta através da pulsão e suas expressões corporais. Por essa razão, o conceito de pulsão é fundamental para a compreensão da dinâmica entre psiquismo e corpo. O corpo é considerado uma fonte de satisfação e descarga libidinal: ele é uma forma de linguagem [!] antes de falar, é falado e o que é reprimido ou não verbalizado encontra expressão no corpo (LINDENMEYER, 2012).

3 AS PULSÕES E SEUS DESTINOS

A pulsão, conceito fundamental para o entendimento da estruturação psíquica, é mencionada por Freud (1990) pela primeira vez em sua obra "O projeto para uma psicologia científica", escrita em 1895. Nesse trabalho, Freud (1990) apresenta pela primeira vez a ideia de que o funcionamento do aparelho psíquico é regulado por uma força chamada de "quantidade de excitação", que pode ser acumulada e descarregada através da ação das pulsões. Contudo, a teoria das pulsões foi objeto de maior aprofundamento em suas obras subsequentes.

Tal foi o propósito da produção "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", publicada em 1905. Foi na versão inicial desse livro que Freud (2016) recorre novamente à palavra "pulsão" e a define como uma demarcação entre o psíquico e o somático delineando o caráter sexual das pulsões: onde desde a infância à puberdade, a pulsão sexual não existe apenas como tal, mas assume a forma de um conjunto de pulsões parciais. Nessa obra, o autor ainda distingue as pulsões sexuais, que teriam ordem libidinal, de outras ligadas à satisfação de necessidades primárias ou chamadas de pulsões de autoconservação, que têm por objetivo a conservação do indivíduo – também denominadas de pulsões do ego que participam da defesa contra a invasão das pulsões sexuais. As pulsões sexuais são governadas pelo princípio do prazer, enquanto as pulsões de autoconservação estão a serviço do desenvolvimento psíquico, sujeitas ao princípio da realidade (FREUD, 2016).

No texto "As pulsões e seus destinos", de 1915, Freud (2021) estabelece um marco significativo na teoria psicanalítica, uma vez que avança na exploração da teoria das pulsões. Ainda segundo Freud (2021, p.17), "[...] a pulsão seria um estímulo para o psíquico", que não tem sua origem no ambiente externo, mas sim no interior do próprio organismo, de cunho biológico, denunciando a relação entre psiquismo e corpo, não podendo ser destruída nem inibida; uma vez surgida, ela tende de forma coercitiva para a satisfação (FREUD, 2021). Por um lado, a pulsão representa psicologicamente as excitações que emanam do interior do corpo, enquanto, por outro lado, ela é manifestada pelos seus representantes psíquicos: a ideia e o afeto. Neste mesmo texto Freud se concentra mais no destino dos representantes psíquicos da pulsão do que no destino da própria pulsão (GARCIA-ROZA, 2018).

As pulsões sexuais podem ter quatro destinos: a inversão, a reversão para a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Ao se aprofundar nos estudos das pulsões,

analisando seus destinos e maneiras de manifestação, estabelece-se que elas podem ser sublimadas, ou seja, direcionadas para atividades socialmente aceitáveis e produtivas, como a arte, a ciência e o trabalho. Por outro lado, também podem ser reprimidas, gerando diversos conflitos psíquicos e sintomas neuróticos. Além disso, torna-se claro a relevância da sexualidade na dinâmica das pulsões, ressaltando que a sexualidade não se restringe apenas ao ato sexual, mas permeia todos os aspectos da vida psíquica (GARCIA-ROZA, 2018).

Em 1920, com o lançamento de “Além do princípio do prazer”, Freud instala, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 631), “[...] um novo dualismo pulsional, opondo as pulsões de vida às pulsões de morte”. Com o avanço de sua concepção da teoria pulsional, as pulsões podem ser divididas, agora, em duas novas categorias: pulsões de vida e pulsões de morte. Ambas se manifestam no psiquismo como uma necessidade que impulsiona o sujeito a buscar a satisfação, porém, a diferença fundamental entre elas é que enquanto a pulsão de vida busca a preservação, a reprodução da vida, a realização pessoal e almeja a evolução, a pulsão de morte busca a destruição e o retorno ao estado inorgânico, revelando a tendência de repetir e voltar ao estado mais primitivo, a homeostase. Há, portanto, em todo ser vivo uma tendência – interna – para a morte (GARCIA-ROZA, 2018).

Ainda conforme Garcia-Roza (2018), o objeto da pulsão é definido como a coisa em relação ao qual, ou através do qual, a pulsão é capaz de atingir seu objetivo, sendo o elemento mais mutável da pulsão. O objeto é concebido como um meio para alcançar um fim, enquanto o fim em si, que seria a própria satisfação, demonstra que o objeto pode ser o mais variável. Portanto, o objeto da pulsão é o meio para a realização de seu objetivo – satisfação –, podendo ser uma pessoa, uma parte de uma pessoa, sendo real ou fantasmagórico.

Rudge (2006) discute diretamente a ligação entre a pulsão de morte e o supereu, conceito criado por Freud para designar uma das três instâncias psíquicas que, segundo Laplanche e Pontalis (1991, p. 198), tem “[...] o seu papel assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao eu. Onde vê as suas funções na consciência moral, na auto-observação e na formação de ideais”. Dois conceitos inseparáveis [pulsão de morte e supereu], uma vez que o sentimento de culpa e a busca de punição inconscientes, que são manifestações da tensão entre o eu e o

supereu, representam a parte da força da pulsão de morte que é psiquicamente ligada pelo supereu e assim se torna reconhecível. A pulsão de morte é uma pulsão do supereu e se manifesta pela repetição indomada, não temperada pelo princípio do prazer. Essa repetição não pode ser atribuída à biologia, porque funciona ao contrário da adaptação. A repetição, que tem como motor o supereu, está na base de toda a pulsão e é sustentada pelos resíduos das primeiras experiências da infância. Assim, segundo Eizirik (2009, p. 169), “[...] oscilamos entre a compulsão à repetição e uma possível vida com pulsão”.

Este pode ser considerado o movimento defensivo mais elementar do aparelho psíquico, resultando em um enorme paradoxo sobre a condição humana, onde o homem só pode existir desviando a maioria de suas pulsões de seus alvos originais. Provavelmente não haveria sobrevivência à satisfação completa de impulsos eróticos e destrutivos. Tudo isso leva a refletir que a projeção da pulsão de morte em benefício do eu tem um valor existencial tanto para o sujeito quanto para o aparelho psíquico. Em alguns adoecimentos psíquicos graves, essa apropriação da pulsão de morte pelo eu não ocorre, como no caso da melancolia, por exemplo. A teoria freudiana elucida a visão sobre o supereu como uma cultura pura da pulsão de morte, onde ocorre um retorno maciço da pulsão de morte para o eu (RUDGE, 2006).

4 A COMPULSÃO À REPETIÇÃO EM PSICANÁLISE

O inconsciente tem um extraordinário poder: o de impor a repetição. Há uma força que leva o indivíduo a reproduzir compulsivamente os mesmos fracassos, traumas e comportamentos doentios - como o ato de comer em excesso que desencadeia a patologia retratada neste trabalho. É o retorno do compulsivo, visto nos sintomas e passagens ao ato, de um passado traumático que um dia foi recalçado (NASIO, 2013).

A repetição, de certo modo, representa a própria pulsação da teoria psicanalítica, na medida em que está marcada pela tendência de retornar sempre ao mesmo lugar: há um retorno das reminiscências no intuito de dissolvê-las. O aparelho psíquico busca, por tanto, o estado de homeostase. Trilhando os caminhos abertos por Freud, onde o conceito de compulsão à repetição é considerado fundamental em

sua teoria, pode-se inferir que a repetição é inerente à própria definição do inconsciente (NASIO, 2013).

Sobre a compulsão, Barbosa Neto (2010, f.37) afirma que:

[...] Freud utiliza o termo compulsão para denominar o estado segundo o qual o sujeito está sendo obrigado, contra sua vontade, a agir de determinada forma. Nesta perspectiva resulta de um conflito pulsional que impõe ao sujeito uma direção, uma força que o faz sofrer, de modo que algo é imposto forçando a pessoa a determinado ato.

Dentro da teoria freudiana, a compulsão é uma expressão do que há de intransponível na pulsão, algo do qual não se pode se livrar e que se recorre inevitavelmente (VIANNA, 2019). Green (2007) evidencia que a compulsão à repetição, para Freud, teria um caráter demoníaco, uma vez que agia em oposição ao princípio de prazer. A possível natureza demoníaca da compulsão à repetição, dentro dessa perspectiva, pode estar relacionada com sua característica narcísica, que está destinada a se repetir de forma infinita.

Quando ocorre algum desvio na construção e investimento das pulsões nas demarcações internas e externas do eu, é possível pensar na emergência de um modo de defesa mais primitivo e elementar, influenciado pela presença da compulsão à repetição (VIANNA, 2019). Vianna (2016) enfatiza que, ainda na teoria freudiana, o funcionamento bem-sucedido do aparelho psíquico resulta na conversão da energia livremente móvel em energia vinculada, e que esse processo é regido pelo princípio do prazer, reduzindo a pressão das excitações. Essa é a meta inalcançável, visto que os destinos pulsionais dos indivíduos com compulsões são menos eficientes em cumprir a tarefa de direcionar as pressões que atuam sobre o aparelho psíquico. Logo, a pulsão é negativada ao ser contrariada quando lhe são impostas restrições, escolhas, renúncias e moderação; em outras palavras, quando uma escolha é feita, uma renúncia é inevitável e essa renúncia implica em não querer mais tudo como objeto da voracidade pulsional.

Os comportamentos compulsivos decorrem da tentativa do eu de controlar a expressão pulsional, quando o movimento pulsional gera angústia, o eu mobiliza defesas específicas. Em indivíduos considerados normais, as instâncias psíquicas negociam e ambas obtêm satisfação pulsional. Já em sujeitos compulsivos, o conflito intrapsíquico entre o eu e as funções provenientes do id não é completamente

resolvido, dando origem à sintomatologia compulsiva com padrões específicos de manobras defensivas contra as demandas pulsionais (VIANNA, 2019).

Gondar (2001) ressalta a importância de distinguir a compulsão da obsessão, pois elas não são sinônimas. A compulsão, em sua essência, representa a força indomável da pulsão, que se repete incessantemente. Esse impulso pulsional é tão arrebatador que o indivíduo tenta, por meio de atuais eventualidades, nomeá-lo e organizá-lo, buscando preencher uma forma vazia e irreduzível aos conflitos. É uma manifestação da união entre o superego e a pulsão de morte.

O que implica, em termos psicanalíticos, que o sujeito se coloca como objeto de gozo a serviço de uma lei cruel. Gozo esse, definido por Nasio (2013, p. 48), como a “[...] concreção de emoções violentas e contraditórias experimentadas pela criança que sofre um trauma. Emoções sentidas, mas não registradas por uma consciência imatura”. Como dito previamente, a aliança entre o superego e a pulsão de morte, resulta em uma forma cruel de ordenação superegógica: ao invés de funcionar como barreira a um gozo mortífero, o superego o exigiria, desprezando por completo a esfera subjetiva (GONDAR, 2001).

Ainda, de acordo com a autora supracitada, os sintomas compulsivos não devem ser vistos apenas como expressões do inconsciente ou formações de compromisso, mas sim como uma busca direta e rápida pela satisfação pulsional, com um forte elemento destrutivo. Nesse sentido, as compulsões podem ser entendidas como uma forma de resistência ao imperativo do superego.

Em suma, a repetição patológica é constituída por alguns eventos: uma emoção infantil, violenta e recalcada aparece, desaparece, reaparece e assim sucessivamente anos mais tarde, normalmente na vida adulta, sob a forma de experiências perturbadoras [sintomas e passagens ao ato]. Não se pode dizer, ao certo, qual a natureza dessa emoção infantil, é algo muito singular, mas as impressões sexuais precoces levariam compulsivamente à repetição. Com isso, a noção de “fixação” nos traumas se tornará, na vida adulta, “repetição” do trauma (NASIO, 2013).

Nasio (2013) ainda acrescenta que repetir nem sempre estará no campo da repetição patológica de um passado que um dia foi traumático e doloroso, mas poderá ser o retorno investido de um passado que foi sadio, excitante e afetivamente intenso. Porém, ao adentrar na clínica dos obesos denunciando o ato de comer compulsivo, a

compulsão seria uma tentativa sofrida de encontrar algo que diminua a angústia. Com isso, falamos de uma repetição patológica: o trauma – paradoxalmente – é uma droga e o traumatizado, um viciado nela. Por fim, o trauma gera trauma.

Assim, o conceito de compulsão à repetição está intimamente ligado à pulsão de morte. Quanto mais forte e avassaladora é essa pulsão, mais consistente se torna a compulsão. O sujeito busca repetir aquilo que não foi consumado, revivendo traumas e sofrimentos que ainda não foram completamente elaborados. A pulsão de morte não tem um objeto específico e busca apenas a satisfação plena, seguindo a via mais curta, que é a descarga imediata. A compulsão à repetição, nessa perspectiva, representa um conflito entre o eu e o próprio eu, resultando em uma divisão de autonomia do sujeito. A pessoa é dominada pelo excesso pulsional, já que o aparelho psíquico não consegue assimilá-lo completamente. Embora a pessoa não queira repetir um comportamento que lhe causa intenso sofrimento, ela é levada a fazê-lo pela força da compulsão, de modo que o ato acaba suplantando sua vontade. Enquanto o trabalho do aparelho psíquico não obtiver êxito, a compulsão será fomentada e a repetição persistirá, cada vez mais forte, determinando os atos repetitivos do sujeito (BARBOSA NETO, 2010).

5 INTERLUCUÇÃO ENTRE OBESIDADE E COMPULSÃO À REPETIÇÃO

Partindo do que foi mencionado na literatura psicanalítica sobre o conceito de compulsão à repetição, pode-se pensar que o ato de “comer tudo” não é um indicador de liberdade na obesidade, mas o contrário, a sensação de emergência em comer aponta para uma impossibilidade de escolha. Portanto, qual a interação entre o conceito de compulsão à repetição e o fenômeno da obesidade?

Para Vianna (2016), as dificuldades em lidar com as necessidades pulsionais e as limitações dos processos de simbolização podem levar pacientes com o comer compulsivo a se confrontarem com um sentimento de vazio insuportável. A angústia do vazio experimentada por esses pacientes é difícil de descrever, pois por trás da sensação de vazio físico há um vazio psíquico, como se estivessem completamente desprovidos de objetos internos e precisassem preencher essa lacuna a todo custo através da ingestão de objetos externos de forma indiscriminada. Esse vazio

intolerável é acompanhado por dois momentos: o primeiro é o da comida como forma de apaziguar esse vazio, enquanto o segundo diz respeito ao descontrole e à intensidade da pulsão desencadeada durante a compulsão, sem qualquer freio ou obstáculo. Então, Vianna (2019, p. 97) expõe “[...] não é a quantidade ingerida que caracteriza a compulsão, mas sim a forma como a pessoa se utiliza do objeto e a tolerância do sujeito em relação à abstinência temporária”.

Na compulsão alimentar, a pulsão é destinada a um estado aquém da possibilidade de ser construída de forma representativa, evidenciando um empobrecimento do funcionamento psíquico e uma exacerbação da ação compulsiva. É possível notar que a compulsão pode apresentar tanto um esforço de contenção da força funcional quanto um extravasamento acelerado da pulsão, numa tentativa de aliviar a pressão que ela exerce. A repetição da ação compulsiva está relacionada à busca insistente por um objeto específico, como a comida, visto como um meio de alívio. A compulsão leva o indivíduo a ter uma relação intensa e exclusiva com o objeto escolhido e, por ser incontrolável, leva à uma dependência - embora tente aliviar a angústia, acaba por aumentá-la. O aparelho psíquico parece ser mais uma vítima passiva da pressão das forças pulsionais do que um agente ativo na busca pela satisfação ou, pelo menos, na contenção dessas forças (VIANNA, 2019).

Não há solução total da pulsão, por isso há uma incansável busca, no decorrer da vida, de diferentes representações da pulsão. Há, para sempre, algo insatisfeito em todos os sujeitos. Em sujeitos obesos, com o ato de comer compulsório, é revelado a fantasia de que o único objeto escolhido – a comida – tampona o buraco, ameniza sua falta e que fica pleno e satisfeito pulsionalmente. Em pacientes sem essa compulsão, o princípio da realidade e outras representações psíquicas regularizam e mostram que a ação de comer desenfreadamente não está correta. Na compulsão alimentar, há falha nas representações e uma repetição direcionada ao princípio do prazer, evidenciando um funcionamento infantil buscando uma satisfação imediata. Sua compulsão à repetição pode aparecer de certa forma desprezosa, mas em algum registro infantil e mais primitivo traz satisfação. Por mais desprazeroso que seja e que desencadeie uma doença crônica, há um prazer enraizado (VIANNA, 2019).

A obesidade parece andar, de alguma forma, de mãos dadas com a escravidão, pois o obeso não deixa restos, come até o último pedaço, mas continua insatisfeito,

sedento. O obeso parece se matar aos poucos, sendo devorado pela comida. Há um buraco que tenta preencher, um vazio inominável e que o obeso só consegue parar quando se sente completamente cheio, o que só é alcançado quando está, após momentos de comer compulsivamente, preenchido. Um buraco [impreenchível] que só se enche para mostrar-se novamente e compulsivamente vazio exigindo mais e mais. Remete à falta radical e constitutiva do sujeito, uma falta que não deixa de se relacionar com os modos de busca pela satisfação: a compulsão por comer de alguma maneira reúne em si aspectos das normas superegóicas e da angústia, em um óbvio ciclo vicioso: come-se descontroladamente, censura-se exorbitantemente e como resultado, resta a angústia que se apresenta em todas as suas nuances (ROCHA; VILHENA; VILHENA NOVAES, 2009).

As mensagens de uma sociedade que visa a estética, o imediatismo, que revela aversão pela gordura, incita constantemente a comer desde que as pessoas se mantenham magras e dentro dos padrões de beleza vigentes, aspectos psíquicos apontam dificuldades pulsionais que contribuem para os comportamentos compulsivos, a fixação objetal, os atos impulsivos e compulsivos, que seguem se completando e retroalimentando até que algum rearranjo psíquico seja constituído: o corpo gordo vem, resumidamente, vestir e nomear essa angústia atada à busca de satisfação (VIANNA, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obesidade é uma questão de saúde universal que impacta indivíduos de todas as faixas etárias, gêneros e origens étnicas. Trata-se de um estado clínico multifacetado, que pode ser deflagrado por diferentes elementos, tais como fatores genéticos, sedentarismo, hábitos alimentares desfavoráveis, estresse e variáveis ambientais. Neste sentido, convém salientar que o tratamento costuma requerer uma perspectiva multidisciplinar.

No transcurso desta pesquisa, por intermédio do arcabouço teórico psicanalítico, foi possível verificar a complexa interação entre a obesidade e a compulsão à repetição, e constatar que o comportamento alimentar compulsivo transcende a mera ingestão excessiva de alimentos, sendo fruto de uma gama de

elementos psicológicos e afetivos, tais como a incapacidade de lidar com a falta constitutiva, o vazio “impreenchível”, os acessos pulsionais e a insuficiência de processos de simbolização e representação da pulsão.

Nos referidos indivíduos, a pulsão de morte se encontra presente como um anelo pela satisfação e tentativa de solução dos seus próprios embates, instaurando um ciclo de repetição destrutiva e danosa. A busca imperiosa por um objeto determinado, aqui, a comida, é percebida como um elemento de alívio, mas que, ao final, culmina em uma exacerbação nociva da ação compulsiva.

Desse modo, a Psicanálise pode desempenhar um papel de grande relevância no tratamento da obesidade e do ato compulsivo de alimentar-se, por meio da análise do funcionamento psíquico e da compreensão das motivações inconscientes que subjazem esses comportamentos recorrentes. Em síntese, a Psicanálise nos proporciona uma compreensão de que a compulsão alimentar transcende a mera questão de autocontrole, mas trata-se de um fenômeno psíquico complexo, que demanda uma abordagem cuidadosa e abrangente.

Este estudo teve como objetivo promover uma reflexão crítica e, com base no domínio teórico aqui retratado, reavaliar as técnicas utilizadas no *setting* terapêutico a fim de abordar de maneira mais eficaz as questões relacionadas ao fenômeno da obesidade e obter melhores resultados para os pacientes que sofrem com essa condição. A exigência de se pesquisar e buscar um aperfeiçoamento teórico-prático na clínica para os pacientes com obesidade se torna algo urgente, pois, ao considerar as estatísticas futuras do crescimento impetuoso desta doença, é relevante e improrrogável a criação de mais pesquisas que incitam a discussão de um corpo tão visto, mas pouco falado e estudado: o corpo gordo. Este trabalho marca o início de um percurso acadêmico que buscará aprofundar o estudo deste objeto.

REFERÊNCIAS

AMPARO, Deise Matos do; MAGALHÃES, Ana Cláudia Reis de; CHATELARD, Daniela Scheinkman. O corpo: identificações e imagem. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 499-520, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 out. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA ESTUDO DA OBESIDADE E SÍNDROME METABÓLICA. **Mapa da Obesidade**: relatório síntese. São Paulo: ABESO, 2019. Disponível em: <https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade>. Acesso em: 23 set. 2022.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 24-34, jan. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>. Acesso em: 11 out. 2022.

BARBOSA NETO, Esperidião. **O conceito de repetição na psicanálise freudiana: ressonâncias clínicas na re-elaboração simbólica do repetido**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/91/1/dissertacao_esperidiao.pdf. Acesso em: 28 fev. 2023

DARÉ, Paula Serafim. O corpo na produção artística da arte Medieval, no Renascimento e no Maneirismo. **Rev. Self**, São Paulo, v. 3, mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2018.vol03.0002>. Acesso em: 10 out. 2022.

DUMAS, Jean E. **Psicopatologia da infância e da adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

EIZIRIK, Cláudio Laks. Pulsão, com pulsão, compulsão. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 161-171, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2023.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FERREIRA, Rute. **Quem eram as três graças e como representam a beleza feminina na história da arte?**. [S. l.]: CitaliaRestauro, 2018. Disponível em: <https://citaliarestauro.com/as-tres-gracas-historia-da-arte/>. Acesso em: 06 mar. 2023.

FREUD, Sigmund. As pulsões e os seus destinos. *In*: FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 13-69 (Obras Incompletas de Sigmund Freud, v. 2).

FREUD, Sigmund. O projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 385-529 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 1).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma**

histeria (“o caso dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 13-172 (Obras Completas, v. 6).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

GONDAR, Jô. Sobre as compulsões e o dispositivo psicanalítico. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica.** Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 25-35, jan. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200002>. Acesso em: 19 set 2022.

GONZÁLEZ, Carlos. **Gigi y Bella Hadid, dos modelos con pies de barro.** [S. l.]: Mujerhoy, 13 mar. 2017. Disponível em: <https://www.mujerhoy.com/celebrities/corazon/201703/13/gigi-bella-hadid-modelos-barro-20170313133405.html>. Acesso em: 06 mar. 2023.

GREEN, André. Compulsão à repetição e o princípio de prazer. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 133-141, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000400013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 mar. 2023.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** [S. l.], v. 22, n. 2, mai. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200014>. Acesso em: 05 set 2022.

LINDENMEYER, Cristina. Qual é o estatuto do corpo na psicanálise?. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 341-359, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 out. 2022.

NASIO, Juan-David. **Meu corpo e suas imagens.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NASIO, Juan-David. **Por que repetimos os mesmos erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Obesidade: Prevenindo e Controlando a Epidemia Global.** São Paulo: Roca, 2004.

ROCHA, Lívia Janine; VILHENA, Junia de; VILHENA NOVAES, Joana de. Obesidade mórbida: quando comer vai muito além do alimento. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 77-96, ago. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set. 2022.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. Pulsão de morte como efeito de supereu. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 79–89, jan. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/cTw9TmvW5RfNMQXc8KTHkCB/?lang=pt#>. Acesso em: 03 mar. 2023.

SATHLER, Conrado Neves. A subjetividade na clínica psicológica: introdução temática e histórica. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 17, n. 17, p. 107-121, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2022.

SILVA, Diana Pontes Ferreira da. Reflexões sobre a compulsão alimentar: mal-estar, corpo e obesidade. **Vínculo**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-6, ago. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902021000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 set. 2022.

SOUZA, Saul de Azevedo. *et al.* Obesidade adulta nas nações: uma análise via modelos de regressão beta. **Cadernos de Saúde Pública**, [S. l.], v. 34, n. 8, p. e00161417, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7LQTN9CGGN47fDTgNGjpG5D/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 26 fev. 2023.

VIANNA, Mônica. **Da geladeira ao divã**: psicanálise da compulsão alimentar. Curitiba: Appris, 2016.

VIANNA, Mônica. **Do bisturi ao divã**: cirurgia bariátrica, compulsão alimentar e psicanálise. Curitiba: Appris, 2019.